

CARTA DO LEITOR: A INFLUÊNCIA DO PAPEL SOCIAL NOS DISCURSOS DOS LEITORES SOB A ÓTICA DA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO

Rafael Souza da Cruz (UFRN)¹

rafatyco@hotmail.com

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)²

cleidepedrosa@oi.com.br

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista as necessidades cada vez mais crescentes no mundo atual, em que o desenvolvimento e a difusão dos conhecimentos relacionados ao ser humano são orientados por diversos fatores da nossa vida em geral - dentre eles, por exemplo, a inclusão das tecnologias como fator facilitador e acelerador nas relações sociais, a influência da globalização, a qual estabelece um constante contato entre processos locais e internacionais (isto envolve a convergência de culturas internas e externas e o aprendizado de línguas), é inegável que o papel das ciências humanas e sociais tem adquirido grande importância, mais do que nunca, seja na contextualização e descrição das estruturas sociais, seja na detecção das formas de comunicação entre as pessoas.

No plano linguístico, nada mais pertinente do que observarmos as situações de comunicação para analisarmos e sistematizarmos como se concretizam as ações entre os seres humanos na linguagem e por meio dela. Quando falamos em análise linguística, as possibilidades são muitas: podemos focalizar aspectos específicos, como estudar a fonética e a fonologia, ou a sintaxe e a semântica de determinada língua; podemos debruçar-nos sobre ela para investigarmos as variações linguísticas e suas influências sociais, como bem o faz a sociolinguística. No entanto, sabemos que nenhuma teoria linguística é capaz de levar em conta tudo o que se passa em torno de uma língua, por isso elas se complementam, de acordo com o foco que se pretende estabelecer nas investigações, pois o fato de não haver um estudo que contemple todos os aspectos de determinada língua é apenas uma prova da riqueza e diversidade da linguagem, sem a qual não seria possível haver sociedade.

Considerando os aspectos já mencionados, mais do que uma tentativa de descrever o(s) meio(s) em que vivemos, faz-se necessário explicar as formas de comunicação que submetemos e entender as razões pelas quais agimos sobre o mundo, ou seja, sobre os demais. Este processo, porém, exige uma atenção voltada não somente para a língua, enquanto instrumento de comunicação, mas requer que levemos em conta as relações sociais nas suas intenções e situações; de certa forma, contempla a subjetividade humana. É nesse ponto que se insere a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), difundida por Pedrosa (2011, 2012), abordagem que usamos como base para o estudo que apresentaremos.

Como objetivo geral, investigamos a ocorrência das convenções de polidez na mídia impressa, através do estudo do gênero *carta do leitor*. Analisamos cartas publicadas pela revista *Veja* em 2011, especialmente cartas em que os autores apontam erros

¹ Bolsista de Iniciação Científica. Projeto: Estudo Discursivo das Erratas na Mídia Impressa: interface entre Análise Crítica do Discurso e Pragmática (PIC4143-2012, PROPESQ – REUNI).

² Prof.^a Dra. Cleide Pedrosa é orientadora do projeto citado.

cometidos pelos editores e jornalistas, constituindo, assim, uma errata. Tomamos como base a ASCD que, sob o pano de fundo de áreas da linguística, como a Linguística Sistêmico-Funcional, situa seus estudos entre o linguístico e o social, e baseia-se nos estudos de Bajoit (2006, 2008) sobre as diferentes formas de ação do sujeito mediante os contextos sociais.

Buscando realizar uma interface entre a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2008) e a Pragmática (LEVINSON, 2007), investimos na análise das cartas dos leitores para atingirmos os seguintes objetivos específicos: i) observar como ocorre o confronto e a minimização de ‘faces’; ii) destacar as estratégias discursivas e sociais utilizadas pelos autores das cartas e/ou pelos editores para suavizar os erros de publicação; iii) classificar os sujeitos e suas identidades nas cartas. Para isto, recorreremos ao estudo da polidez e aos Atos ameaçadores da face (FTA), ambas, linhas da Pragmática, e complementamos com os estudos do sujeito, encontrados na Sociologia para a mudança social, através das identidades individuais e coletivas descritas por Bajoit (2008).

Seguiremos as seguintes etapas: primeiramente, discorreremos rapidamente acerca do surgimento da ASCD e quais são suas linhas teóricas, destacando os pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Sociologia para a mudança social; em seguida, complementaremos o aparato teórico com a Pragmática e um recorte da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). O terceiro passo diz respeito às análises das cartas, em que contextualizaremos alguns aspectos desse gênero antes de partirmos para a análise propriamente dita. Por fim, apresentaremos algumas conclusões sobre o estudo. Como resultados preliminares, apontamos a influência do papel social sobre o discurso do leitor na carta, a depender das funções sociais desempenhadas por ele em determinada instituição ou grupo social mencionado pela reportagem.

2. ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO: oferecendo caminhos de análise

Difundida por Pedrosa (2011, 2012), a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso surge mediante uma necessidade de observar diversos aspectos da comunicação humana. Ela apresenta uma análise discursiva situada entre o linguístico e o social. Trata-se de uma abordagem criada em âmbito nacional, que oferece caminhos de investigação para os estudos que envolvem a linguagem, contextualizando e privilegiando questões sociais, as quais são responsáveis por gerar conflitos de diversas naturezas nas pessoas, ou entre elas.

A ASCD é uma abordagem no escopo da ACD, ela dialoga com a Sociologia para a Mudança Social (BAJOIT, 2006, 2008). Complementando o quadro teórico, temos: a Comunicação para a mudança social (NAVARRO, 2010) e os Estudos Culturais (ORTIZ, 2004). Como pano de fundo, são utilizados estudos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), especificamente, o sistema de avaliatividade (ALMEIDA, 2010). Para este trabalho, apresentaremos um recorte, considerando os objetivos propostos, da Sociologia para a mudança social, através do estudo das identidades individuais e coletivas dos sujeitos, para complementar a interface que pretendemos fazer entre ACD e Pragmática.

2.1 ANÁLISE SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO: uma contribuição para a Análise crítica do Discurso

Para sermos mais sucintos, discorreremos de forma geral acerca da Análise Crítica do Discurso, apesar de reconhecermos a existência e importância de diversos autores, cada qual com seu(s) foco(s) específico(s) dentro dessa linha. Podemos explicar a ACD como uma investigação diretamente relacionada às relações de poder na sociedade, que começa a ser alicerçada a partir da década de 1980, como o resultado de uma efervescência nos estudos realizados nas décadas de 60 e 70, em que as mudanças sociais estavam no centro das atenções dos estudiosos, sendo atribuída grande importância à função social da linguagem usada nos diversos contextos sociais.

Tendo em vista a necessidade de se analisar as mudanças sociais, eram bastante explorados os estudos da Linguística Crítica (LC) e da Análise de Discurso (AD) de vertente francesa. Entretanto, a LC acabava por restringir as análises a aspectos linguísticos, ao passo que a AD dava importância ao discurso. Criticando essa não-relação entre estudos linguísticos e discursivos, Fairclough (2001) sugere, em seus estudos, que é preciso haver uma ligação entre os dois ângulos, para que os fenômenos da mudança social possam ser analisados.

Fairclough (2008) considera o discurso como um momento da prática social, sendo necessário observar sua atividade produtiva nas diversas instâncias: os meios da produção (quem são os responsáveis pela elaboração de determinado discurso), as relações sociais (o discurso é direcionado a determinado interlocutor, com intenções e funções sociais), os valores culturais e as identidades sociais, tudo isso para levar em conta a produção da vida social (WODAK, 2003: 181), investigação que envolve questões cotidianas ou de caráter econômico, político, cultural.

Considerando que a linguagem é um importante fator nas lutas sociais, a principal preocupação da ACD está nas relações que envolvem poder, ela está especificamente voltada para o favorecimento de entidades oprimidas. A respeito disso, diversos autores discorrem, e não podemos deixar de destacar o que diz Van Dijk (2008), ao apontar que

(...) o vocábulo típico de muitos estudiosos da ACD apresentará noções como ‘poder’, ‘dominação’, ‘hegemonia’, ‘ideologia’, ‘classe’, ‘gênero’, ‘raça’, ‘discriminação’, ‘interesses’, ‘reprodução’, ‘instituições’, ‘estrutura social’ e ‘ordem social’, além das noções analíticas do discurso mais familiares (VAN DIJK, 2008:116).

Como vimos, há uma preocupação em desmistificar determinadas práticas sociais, as quais são articuladas pelo(s) discurso(s). Desenvolveu-se a seguinte linha de raciocínio: nas relações sociais, o poder está ligado, de certa forma, àqueles que são responsáveis por elaborar os discursos - na maioria das vezes, instituições sociais hegemônicas e de prestígio. Sendo assim, cabe ao analista do discurso detectar, por meio de suas investigações, as relações desiguais de poder, as quais se dão por meio da linguagem (PEDRO, 1998; PEDROSA, 2008, 2011, 2012 a, b, c; RESENDE & RAMALHO, 2008).

Com o passar dos anos, diversos autores adotaram as premissas da Análise Crítica do Discurso, a qual apresenta cada vez mais a necessidade de um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar com outras áreas de estudo, como afirma Ormundo (2010). Chegamos, portanto, ao ponto que interliga a ACD e a ASCD. Sendo assim, a nova abordagem toma o discurso como um momento da prática social, oferecendo suporte para uma análise crítica do discurso que busca fundamentos na Sociologia para a Mudança Social, na Comunicação para a Mudança Social e nos Estudos Culturais.

Não há, ainda, uma definição de todas as categorias para uma análise crítica do discurso na ASCD. No entanto, ela assume alguns posicionamentos adotados por analistas críticos, os quais seguem as propostas Fairclough e de outros autores. Vejamos o que diz Pedrosa (2012: 03):

- aceitamos a metodologia descritiva/interpretativa assumida pela ACD (C. MAGALHÃES, 2001);
- aceitamos que ACD “se refere à metodologia e TCD (Teoria Crítica do Discurso), à teoria” (I.MAGALHÃES, 2004, s/n).
- fazemos uma Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO);
- aceitamos o discurso como um momento da prática social (FAIRCLOUGH, 2006).

Conforme a autora, esta nova abordagem constitui mais uma contribuição em nível nacional para a ACD.

2.2 SOCIOLOGIA PARA A MUDANÇA SOCIAL

A Sociologia para a mudança social - especificamente os estudos de Bajoit (2006, 2008) a respeito do sujeito social - constitui uma das bases da ASCD. Justifica-se o uso desta área, pelo fato da abordagem do autor se aproximar bastante do estudo discursivo, em que há uma sistematização das ações do sujeito, a depender das situações e das circunstâncias da sua vida. Ao trazer a sociologia como base teórica para o campo discursivo, Pedrosa (2011, 2012) adota a noção de sujeito fragmentado, movido pelos contextos que lhe causam tensões existenciais (sujeito conformista, consequente, rebelde, reflexivo, pragmático, etc.). Percebemos que essa noção leva em conta a vida social e o discurso.

Sabemos que o ser humano é o grande responsável pelas mudanças na sociedade, e por isso faz-se necessário observar a sua atuação no meio social, suas relações com os demais. Sendo assim, torna-se importante a visualização dos compromissos identitários que ele assume, seja diante dos outros, seja em relação a si. Bajoit define essa capacidade de agir sobre o mundo como a *gestão relacional de si* ou *trabalho identitário*, afirmando que cada um tem uma ideia do que é, do que quer ser e também do que pensa ter que fazer para tal:

Para realizar seus compromissos cada um necessita dos outros, deve encontrar em relações sociais com eles, participar em intercâmbios e em vínculos sociais. Cada um, pois, entra em lógicas de ação com os outros para realizar sua identidade pessoal com ou contra eles, a favor ou apesar deles (BAJOIT, 2008, p. 212).

Essa necessidade do outro, de criar uma identidade através dos compromissos assumidos nas relações sociais, nos leva às duas concepções de identificação do sujeito encontradas pelo autor: as identidades individuais e coletivas. Veremos, a seguir, quais são os elementos dessas duas formas identitárias.

Para caracterizar as identidades individuais, temos como base os intercâmbios sociais, são levados em conta três aspectos: o primeiro deles é a realização pessoal, o

segundo, o reconhecimento social, e o terceiro, diz respeito à consonância existencial. É bem verdade que, muitas vezes, o que se pretende fazer para atingir a realização pessoal não é o que se deve fazer para se alcançar o reconhecimento, e é por isso que surgem as tensões existenciais, levando os sujeitos a agirem de formas variadas (*lógicas de ação*).

A realização pessoal é marcada como a identidade desejada (ID); referente ao reconhecimento social, temos a identidade atribuída (IA); e para caracterizar a consonância existencial, a identidade comprometida (IC). Com base nessas três identidades, a identidade individual é construída.

Para a identidade atribuída (IA), o que levamos em conta são as expectativas do sujeito em relação a si mesmo, ou as expectativas dos outros. Podemos utilizar como exemplo a família, os amigos, os colegas de trabalho. O sujeito julga que os demais esperam algo dele, e sendo assim, ele pode procurar atingir a estas expectativas, atuando como *sujeito conformista*, ou pode simplesmente não se importar, mesmo sabendo que isso lhe causará certa reprovação (*sujeito rebelde*); ou ainda pode utilizar um pouco das duas condutas, agindo como *sujeito adaptador*.

A respeito do que diz Bajoit (2008, p.184), mesmo seguindo as regras sociais e atendendo as expectativas dos outros, isso não é uma garantia de satisfação, visto que o sujeito tem suas próprias vontades, desejos, sonhos e projetos pessoais (identidade desejada - ID). Para atuar mediante essas características, o sujeito pode ser *autêntico*, ou seja, faz aquilo que deseja, desenvolvendo a ideia do que ele é em direção ao que ele quer ser; ou renuncia-se a si mesmo, agindo como *sujeito altruísta*, colocando-se à disposição dos outros; ou ainda se coloca entre esses dois modelos (*sujeito estrategista*).

Levando em conta as circunstâncias, o indivíduo é capaz de adaptar-se a elas, ou seja, ele procura conciliar, na maioria das vezes, a identidade atribuída, que é construída socialmente, e a identidade desejada, que é construída culturalmente. Esse processo incide na identidade comprometida (IC): ele é capaz de assumir suas condutas e posicionamentos, sabendo das possíveis consequências de sua ação (*sujeito consequente*). Consiste no convencimento de que vale a pena seguir com o que se propõe a fazer; ou também pode realizar a autocrítica e voltar às bases do processo, agindo como *sujeito inovador*. Há ainda o *sujeito pragmático*, que consiste em estar aberto a contribuições, adaptar-se às circunstâncias, procurando sustentar as ideias iniciais (BAJOIT, 2008, p.188-189).

Sabemos que os indivíduos são capazes de realizar mudanças nas lógicas, permutar entre uma e outra, a depender da situação e da identidade que pretendem priorizar. A respeito disso, Pedrosa (2012) prefere tratar como *esferas identitárias do sujeito* (EIS), dentro de uma identidade comprometida (EIC), desejada (EID) ou atribuída (EIA), pela capacidade do sujeito de mudar as lógicas de ação e ir de uma para outra mediante as circunstâncias.

Atentemos agora para o modo como Bajoit define as identidades coletivas, em que a base desse tipo de identidade é a relação social e o processo de socialização. Nas comunicações entre as pessoas, é importante dizer que, muitas vezes, quem interage não atua de forma individual, pois mesmo quando intenta falar sobre si mesmo, ainda que inconscientemente, ele se insira em categorias, em gêneros sociais, etc., o que o leva a falar por meio dessas categorias. Ou seja, são características que revelam a atuação de um sujeito coletivo, que procura, muitas vezes, atuar enquanto ser individual, mas inevitavelmente haverá pessoas na mesma situação ou em situações semelhantes, que poderão se identificar ou mesmo se beneficiar pela sua intervenção.

A família, o bairro, a escola, a Igreja, a televisão, (...) a empresa e o trabalho, o sindicato, a maternidade ou paternidade, (...) o partido, as eleições, o hospital, a polícia, a desocupação, a prisão, o asilo (...) etc. são alguns dos campos relacionais que atravessa cada indivíduo que participa na vida social (BAJOIT, 2008: 130).

Com base em Bajoit, entendemos que uma relação social é um intercâmbio entre indivíduos ou grupos, esse intercâmbio não é para eles nem arbitrário (está orientado) nem absurdo (tem um significado), ou seja, possui sentido na dupla acepção do termo: orientação e significação. O autor defende que toda relação social tem quatro componentes: a) está orientada por finalidades significativas; b) implica uma contribuição de cada ator; c) atribui lugares, através de retribuições desiguais; d) comporta meios desiguais de coerção social (de dominação, poder, influência, autoridade, hegemonia).

A prática das relações socializa os indivíduos. Os processos de socialização podem ser por:

- 1) Cálculo. Porque é seu interesse: ganha mais do que lhe custa.
- 2) Habituação. Porque seguir as tradições reforça sua autoestima.
- 3) Identificação. Porque necessita de afetos: querer e ser querido.
- 4) Convicção. Porque compartilha os mesmos valores que os outros.

Para caracterizar as identidades coletivas, podemos levar em conta alguns pontos:
I - o orgulho de pertencer a um grupo com o qual compartilha traços comuns valorizados;
II - a inveja/vontade de pertencer a um grupo valorizado, mas do qual não possui os traços;
III - A vergonha de ter as características de um grupo desvalorizado;
IV - O menosprezo por um grupo desvalorizado, mas do qual não possui os traços.
Estes conceitos são considerados a “matriz” das identidades coletivas, que nos permite formular hipóteses de trabalho (BAJOIT, 2008: 141).

Desta forma, temos as quatro identidades:

- a) Identidade orgulhosa;
- b) Identidade invejosa;
- c) Identidade vergonhosa;
- d) Identidade depreciativa.

As identidades coletivas são movidas por lógicas de ação social, dentre as quais destacamos a *lógica da solidariedade*. É evidente que a base da solidariedade é a identidade coletiva que os indivíduos compartilham, que resulta de sua prática das relações sociais, na mesma posição social: são os valores, os interesses, as tradições, e os afetos compartilhados que interiorizaram por seu processo de socialização (BAJOIT, 2008: 219).

3. PRAGMÁTICA: ASPECTOS GERAIS

Complementando nosso aporte teórico para este trabalho, apresentamos um recorte da Pragmática, que surgiu no início da década de 1960 como uma corrente linguística baseada no empirismo linguístico, possibilitando um estudo além do nível da frase, em que os enunciados são investigados com base nas situações reais de comunicação. Entre os

autores que a fundaram, temos dois que se destacaram: Austin inaugurou a teoria dos atos de fala, com sua obra *Quando dizer é fazer (How to do things with words)*, e Searle (1984) continuou contribuindo, ao lançar o livro *Speech Acts*, que significa *Atos de fala*.

A partir desses dois autores, foi desenvolvida a concepção de que a linguagem, utilizada em variados contextos enunciativos, é um meio de ação de quem faz uso dela. Desta forma, é possível, por meio de enunciados, nos relacionarmos com nosso interlocutor para realizar atos de fala, como afirmar, descrever, relatar, citar, ordenar, pedir, perguntar, prometer, desculpar-se, censurar, aprovar, saudar, exigir, alegar, referir, predicar etc. Temos, portanto, formas diversas de agirmos de acordo com as finalidades específicas de comunicação, no momento em que dizemos algo a alguém (KOCH, 2007).

Considerando o gênero que trabalharemos (carta do leitor), destacaremos duas linhas importantes da pragmática. Uma delas diz respeito ao *exercício da polidez*, e a partir dela chegamos à linha que podemos chamar de *teoria das faces* (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005). Na verdade, trata-se de um estudo que surgiu na década de 80 através de Goffman, e que mais tarde é complementado por Brown e Levinson (LEVINSON, 2007), os quais se baseiam em noções de *face* e de *território*. Os autores trabalham os atos de fala com essas noções, chegando à *face positiva* e *face negativa* e, portanto, à *teoria das faces*.

Partimos da ideia de que a linguagem que utilizamos nas interações sociais é sempre “ameaçadora”, de alguma forma, pois através dela construímos imagens que valorizamos e tentamos colocá-las nas interações (*face positiva*). Podemos definir a *face negativa* como o conjunto dos territórios do ‘eu’ (nos referimos ao espaço em que as relações acontecem: corporal, material, espacial, temporal ou mental; bens materiais ou simbólicos). Por exemplo, na comunicação entre dois interlocutores, em que eles opinam e cada um procura conservar intactos seus desejos e suas necessidades, logo, buscam maneiras de preservar e proteger a sua face positiva, e ao mesmo tempo, persuadir seu interlocutor. No caso de haver divergências de opiniões, constitui-se uma “ameaça” às faces. Surgem, então, as *estratégias de polidez*.

Nas diversas situações em que é usada, a linguagem visa um propósito de preservação de “territórios”. Deste modo, a ‘face’ está ligada às imagens criadas dos participantes da comunicação, ou seja, cada participante usa a linguagem para criar e/ou passar uma imagem ao seu interlocutor. Assim, existem as faces positivas e as negativas, que, no momento da comunicação, podem ser protegidas ou ameaçadas.

As estratégias de polidez estão ligadas a uma preocupação com as faces, que são chamadas FTAs (*Face Threatening acts*), como um meio de conciliar o desejo de preservação de face em ambos os interlocutores. Trata-se de mitigar, de alguma forma, as FTAs existentes na interação, e suavizar atos que representam ameaça a uma ou outra face do locutor ou interlocutor. Em diversas situações da vida social, o exercício da polidez está presente, como, por exemplo, nos pedidos de desculpas, que podem ocorrer diretamente ou indiretamente, implicitamente ou explicitamente. Em muitos casos, o pedido de desculpas se apresenta como um *ritual* da comunicação, como diz Kerbrat-Orecchioni (2005). Visualizaremos melhor esta teoria no momento de análise.

4. GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Para a análise das cartas, apresentamos um recorte da GSF, especificamente, o sistema de avaliatividade, através do qual destacamos o subsistema de *atitude*, como

“responsável pela expressão linguística das avaliações positivas e negativas, que abrange três regiões semânticas: a emoção, a ética e a estética (ALMEIDA, 2010: 99)”. As avaliações são feitas com base em três aspectos: afeto (emoções), julgamento (comportamento humano) e apreciação (avaliação relacionada a objetos).

5. CARTA DO LEITOR: AS RELAÇÕES DE POLIDEZ E O TRABALHO IDENTITÁRIO DO SUJEITO

A mídia, enquanto quarto poder, é possuidora de grande prestígio na sociedade, influenciando nas relações sociais, na divulgação dos conhecimentos, entre outras coisas. Nesse sentido, justificamos o uso da mídia impressa para análise das cartas, especificamente a revista de informações gerais *Veja*, pelo fato de haver um espaço em que os assinantes podem interagir, de alguma forma, com os editores e jornalistas, ou seja, apresentar suas opiniões e sugestões, ou mesmo fazer reclamações ou apontar erros de reportagens. Encontramos este espaço na seção denominada *leitor*.

No nosso caso de análise, investigamos especialmente cartas em que leitores apontam erros, caracterizando-se uma errata. Desta forma, poderemos ver, através dos discursos dos leitores, quais são as estratégias para apontar os erros, que é nosso objetivo geral (observar como ocorrem as relações de polidez na mídia impressa). Como o foco maior está na interface entre a Análise Crítica do Discurso e a Pragmática, utilizaremos como complemento os aspectos da sociologia do sujeito. Partiremos agora para os exemplos:

EXEMPLO DE ANÁLISE 1:

Semp Toshiba

A nota publicada na seção Radar (...) suscita esclarecimentos. É equivocada a afirmação de que Affonso Brandão Hennel foi fundador da Semp Toshiba. Ele era um adolescente em abril de 1942, quando seu pai, Affonso Hennel, fundou a empresa. Também não procede a afirmação de que Affonso Brandão Hennel “repousa no Conselho de Administração”, que ele deixou em 2003, depois de presidi-lo com brilho incomum depois de trinta anos. Ademais, a nota não reflete nem expressa de modo adequado o excelente e profícuo relacionamento existente entre os grupos Hennel e Toshiba Corporation, os principais acionistas da Semp Toshiba.

Affonso Antonio Hennel
Presidente do Conselho de Administração
Semp Toshiba
(VEJA, Ed. 2201, p. 35)

O primeiro passo, em nossas análises, é identificar se o autor da carta aponta algum erro de publicação, o que faz da carta uma errata. Cabe-nos visualizar os modos como são feitos esses apontamentos, as estratégias linguísticas, enfim, os recursos utilizados por quem escreve o texto. Além disso, poderemos identificar as estratégias da própria revista para minimizar os erros dos editores e jornalistas. Este exemplo caracteriza uma prática muito comum na revista: sabendo que o autor da carta está representando um grupo social de prestígio, o elemento que temos é justamente a sua posição social, seu papel social no evento comunicativo. Teríamos que partir deste ponto para chegarmos à

construção identitária do sujeito.

Começamos pela Pragmática, destacando que a publicação desta errata pode ser entendida como um pedido de desculpas dos editores, mesmo que não tenha sido realizado de forma direta. Neste caso, a própria publicação constitui uma forma estratégica de pedir desculpas indiretamente. Já na análise textual, podemos ver, através das palavras do autor da carta, que há uma variedade de expressões usadas para apontar os erros de informação cometidos pela revista:

“(…) suscita esclarecimentos”

“(…) é equivocada a afirmação”

“(…) Também não procede a afirmação”

“(…) A nota não reflete nem expressa de modo adequado”

Notamos que são usadas expressões polidas, isentas de ofensas à revista. Esta forma nos remete aos estudos tratados pela *teoria das faces* (LEVINSON, 2007). Como já dissemos anteriormente, existem as faces positivas e as negativas, que, no momento da comunicação, podem ser protegidas ou ameaçadas. Vemos, neste exemplo, que o leitor procura defender seu território, o que resulta em uma ameaça à face positiva da revista.

É importante dizer que a ameaça realizada pelo autor da carta é indireta, não agressiva, pois a utilização de termos educados, tentando minimizar a face da revista, também é uma forma de proteger sua face, já que se trata de alguém de prestígio. Neste ponto, podemos também enxergar um aspecto do processo de socialização por *cálculo* (porque é seu interesse: ganha mais do que lhe custa): podemos inferir que o sujeito “calcula” que é melhor para sua face e da revista ser polido, educado. Mas observamos também que o sujeito cria as imagens em polos opostos, ou seja, como estratégia de proteção do seu território, ele procura atribuir uma imagem negativa à revista, enquanto intenta criar uma imagem positiva de si e do seu grupo.

Sendo assim, as expressões linguísticas utilizadas pelo sujeito criam sua face positiva, como vemos na apreciação positiva: “o excelente e profícuo relacionamento existente entre os grupos Hennel e Toshiba Corporation”. Certa veemência na proteção do território pode ser notada, para caracterizar a relação entre os acionistas da Semp Toshiba. Podemos ver que a escolha é estratégica: *excelente*, em vez de *bom* ou *ótimo*. Já para caracterizar a revista, ele utiliza a apreciação negativa: “a nota não reflete nem expressa de modo adequado”, reforçando a estratégia de colocar as duas faces em lados diferentes, uma negativa (revista) e outra positiva (território defendido pelo sujeito).

Destacamos a solidariedade que o sujeito tem para com o grupo o qual ele faz parte e desempenha um papel importante. A este respeito, Bajoit (2008: 219-221) discorre acerca do apoio recíproco e da liderança, as duas formas de solidariedade. Podemos dizer que o leitor, enquanto sujeito, evidencia seu pertencimento a dois grupos sociais, os quais, de certa forma, estão ligados. Desta forma, entendemos que o sujeito se move dentro de uma identidade coletiva, destacamos sua *identidade orgulhosa*, pelo fato de seu pertencimento simultâneo a uma família e um grupo de prestígio na sociedade. Desta forma, a solidariedade desempenhada não é marcada pelo contrato social, mas é uma mescla de duas “categorias” sociais, prevalecendo ora o afeto do leitor pelo grupo e pela família, ora o papel social que ele exerce (Presidente da Semp Toshiba), visto que sua intervenção caracteriza-se em torno do “orgulho de pertencer a um grupo com o qual compartilha traços comuns valorizados (BAJOIT, 2008: 141)”. Este fator explica também a

influência do sujeito social sobre o sujeito discursivo, ou seja, atrelados o papel social do autor da carta e as suas formas de expressão.

EXEMPLO DE ANÁLISE 2:

Mensalão e obras do PAC

Costumo receber polida e democraticamente as críticas a mim dirigidas pelos meios de comunicação. Mas acho que, na reportagem “A fábrica de dinheiro do PTB” (13 de abril), VEJA errou. Primeiro, porque o texto trata, em resumo, de uma grande, injuriante, caluniosa e difamatória ilação. (...) não tenho absolutamente nada a ver com cargos no Ministério dos Transportes, na Valec, nem com contratos firmados entre eles e empresas privadas.

Gim Argello
Senador (PTB-DF)
Brasília, DF
(VEJA, Ed. 2213, p. 45)

Outro fator bastante recorrente nas erratas é a questão do leitor ou grupo “atingido”: é quando alguém escreve uma carta e aponta erros de publicação da revista referente a ele (o leitor) ou a algum grupo social do qual ele faz parte. No exemplo 2, vemos claramente que o autor da carta é atingido pela reportagem e utiliza a carta para se defender do que foi publicado sobre ele. A complicação, neste tipo de carta, está ligada à comprovação dos fatos, ou seja, à veracidade das informações divulgadas, tanto por parte da revista quanto por parte do leitor. Ainda assim, pode-se considerar a publicação da carta como um pedido de desculpas, nos casos em que não há comprovação, de fato, daquilo que foi publicado a respeito de determinada pessoa ou grupo social. Sendo assim, nos valeremos dos argumentos e expressões do autor da carta, para identificarmos as estratégias de polidez, o “jogo” das faces, e as identidades do sujeito.

Mais uma vez, trata-se de alguém que desempenha um papel importante no meio social. No entanto, notamos que o autor da carta, ao tentar proteger sua face, utiliza expressões mais agressivas (em comparação com o exemplo 1): como, por exemplo: “(...) VEJA errou.” Em seguida, para caracterizar a reportagem da revista a seu respeito, ele usa “injuriante”, “caluniosa” e “difamatória”. Assim como no exemplo anterior, estas apreciações negativas são usadas para criar a face negativa da revista. Para colocar sua própria face em polo oposto (face positiva), o sujeito usa a avaliação de afeto, ao dizer: “Costumo receber polida e democraticamente as críticas a mim dirigidas pelos meios de comunicação”.

Notamos que a ameaça à face da revista é mais forte, seguida da negação: “(...) não tenho nada a ver com cargos no Ministério dos Transportes...”. Esta atitude do autor da carta coloca frente a frente leitor e revista, aumentando ainda mais o ‘jogo’ das faces. Podemos dizer que o autor da carta procura constatar que sua identidade atribuída (IA) está intacta, ou seja, ao negar as informações contidas na reportagem e, assim, contrariar a revista, ele se empenha em afirmar que o seu papel, enquanto Senador, está sendo desempenhado da forma que a sociedade espera dele, sem desvios, sem enganos. Neste caso, é importante dizer que levamos em conta o discurso do autor da carta e o seu status social, ou seja, caracterizamos inteiramente o sujeito discursivo e, em parte, o sujeito social. Assim, o discurso do autor da carta demonstra uma preocupação em atingir as expectativas

dos demais. De certa forma, consiste na busca pelo reconhecimento social, caracterizando-se, dentro da Esfera Identitária Atribuída, a lógica do *sujeito conformista*, por não deixar de lado o que é dito sobre ele pela revista (*sujeito rebelde*) e negar o que ela publicou a seu respeito. Pelo contrário, ele procura evitar qualquer tipo de reprovação.

6. CONCLUSÕES

Como vimos, há uma grande influência do papel social sobre o discurso do leitor na carta, ou seja, a depender das funções sociais desempenhadas por ele em determinada instituição ou grupo social mencionado pela reportagem, as escolhas lexicais, as estratégias de polidez para apontar o erro da revista desenham sua forma de agir, visto que o que está em jogo é também uma questão de identidade, o que nos leva a outro fator percebido nas cartas: quando o leitor interage como representante de determinado grupo social, ele transcende uma preocupação em defender seu território de forma polida, ou seja, suavizar a ameaça feita à imagem da revista (exemplo 1).

Mas, em outro caso, quando há alguma reportagem relacionada diretamente a ele (exemplo 2), sua intervenção é menos polida, constitui uma ameaça mais forte à face da revista. Constatamos, através desse estudo discursivo, a necessidade que se apresenta nas relações sociais, em que as pessoas buscam, em todo o momento, construir uma identidade diante dos demais, procurando preservar sua imagem e os territórios aos quais elas pertencem. Concluimos que a circunstância e o papel social do leitor são dois grandes fatores no apontamento de erratas nas cartas.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabíola. **Atitude: afeto, julgamento e apreciação**. In: _____ SOUZA, Anderson Alves de. VIAN JR, Orlando (orgs.). A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 99 - 112.

BAJOIT, Guy. **El cambio social: análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas**. Madrid: Siglo, 2008.

_____. **Tudo Muda: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas**. Lisboa, Portugal: Ed. Unijaí, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. A Análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Público: as Universidades. In: **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. MAGALHÃES, Célia Maria (org.). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p. 31- 67.

_____. **Language and globalization**. London: Routledge, 2006.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, [2001]2008.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Os atos de linguagem no discurso**. Tradução de Fernando Afonso de Almeida e Irene Ernest Dias. Niterói: EdUFF, 2005.

KOCH, Ingedore V. **A inter-ação pela linguagem**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. Tradução Luís Carlos Borges; Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007

MAGALHÃES, Célia (org). **Reflexões sobre análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

- MAGALHÃES, Izabel. Teoria Crítica do Discurso e Texto. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, 2004, p. 113 – 131.
- NAVARRO-DÍAZ, Luis Ricardo. **Entre esferas públicas y ciudadanía, las teorías de Arendt, habermas y Mouffe aplicadas a la comunicación para el cambio social.** Barranquilla (Colombia): Ediciones UNINORTE, 2010.
- ORMUNDO, Joana da Silva. Análise social, linguagem e globalização: uma abordagem transdisciplinar da análise de discurso crítica. IN: VIEIRA, Josenia Antunes; BENTO, André Lúcio; _____ (orgs). **Discursos nas práticas sociais.** São Paulo: Annablume, 2010.
- ORTIZ, Renato. Estudos culturais. *Tempo Social* — Revista de Sociologia da USP. v. 16, n. 1, junho de 2004, p.119- 127.
- PEDRO, Emília Ribeiro. **Análise crítica do discurso:** uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa, 1998.
- PEDROSA, Cleide E. Faye. **Análise Crítica do Discurso do linguístico ao social no gênero midiático.** Sergipe: Editora UFS, 2008.
- _____. Proposta da abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD). <http://www.facebook.com/groups/302757813073801/>, 27\10 de 2011, 16:52 e 07\11 de 2011, 15:32
- _____. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD) e posicionamento acerca do sujeito, 2012 a. <http://www.facebook.com/groups/302757813073801/> 22 de jan, 2012, 10:09
- _____. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD) e o quadro identitário. 2012 b <http://www.facebook.com/groups/302757813073801/>, 6 de fev de 2012, 12:48
- _____. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD): por uma definição dos conceitos e categorias. 2012 c. Encontro do Grupo de Pesquisa GETED, linha: Análise Crítica do Discurso, UFRN, 29 de fevereiro de 2012.
- _____. Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso. UFRN, 2012 (texto cedido pela autora).
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise Crítica do discurso.** São Paulo: Contexto. 2006.
- SEARLE, John R. **Os actos de fala.** Tradução de Carlos Vogt. Coimbra: Almedina, 1984.
- VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder.** Hoffnagel, J.; Falcone, K. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2008.
- WODAK, Ruth. **De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos.** In: WODAK, Ruth y MEYER, Michel. Métodos de análisis crítico del discurso. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.
- WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD:** um resumo da sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, 2004.